

## **SOBRE OS CONTACTOS ENTRE POVOS. A PROPÓSITO, AINDA DO “DESCOBRIMENTO” DA AMÉRICA**

*Nelson Saldanha*  
UFPE

---

*Resumo:* Sobre os contactos entre povos. A propósito, ainda, do “descobrimento da América. Com motivo dos debates produzidos, em várias partes do mundo, sobre a ocupação e dominação das Américas pelos europeus, o artigo coloca inicialmente o tema da violência na história. Este tema corresponde, de certo modo, ao dos contactos entre povos, sociedades ou culturas. A ocupação das Américas pelos europeus leva também a repensar o sentido da história, e com isto, conceitos como “humanidade” e outros. Tais conceitos devem ser reexaminados também dentro da experiência do século vinte, e em face de alguns problemas recentes.

*Palavras-chave:* Cultura, Descobrimento, Sociedade, Humanidade, História.

*Abstract:* Taking as reference the debates produced in different countries on the occupation and domination of the Americas by European people, the text proposes the theme of violence in history. This theme corresponds, at the same extent, to the contacts between peoples, societies or cultures. The occupation of american lands by Europeans leads also to a rethinking of the meaning of history, and a rethinking of concepts as “humanity” and other. Such concepts also should be examined according to the experience of the twentieth century, and in view of some recent problems.

*Key words:* Culture, Discovery, Society, Humanity, History.

---

*“Solamente había inmovilidad y silencio en la noche. Solo el Creador, Tepeu, los Progenitores, estaban en el agua, rodeados de claridad. De esta manera existía el cielo y también el corazón del cielo, que éste es el nombre de Dios y así es como se llama. Llegó entonces la palabra.”*

"Este foi o modo como terminou o mexicano. Deixou abandonada sua cidade. Em Amáxac foi onde estivemos todos. Já não tínhamos escudos, já não tínhamos macanás e nada tínhamos que comer e nada comemos. E toda a noite choveu sobre nós."<sup>1</sup>

**D**urante o ano de 1992, o mundo inteiro discutiu o problema da chegada dos espanhóis à América. Discutiu sobre a validade do termo "descobrimento"; sobre o comportamento dos europeus — pois portugueses e ingleses viriam em seguida, bem como os franceses e holandeses — perante os povos nativos; sobre a inserção do caso mexicano entre outros casos que, na história, representam tomadas de territórios, dominações de povos uns por outros, violência. Protestos dos críticos e revisionistas contra a visão tradicional e convencional dos fatos, tentativas de compreensão e reinterpretação, publicação de estudos sobre a figura sempre meio enigmática de Colombo<sup>2</sup>.

O tema, feixe de temas, se desdobra em derivações e em extensões para um questionamento mais amplo. Antes de mais nada a evocação das matanças, particularmente as horríveis matanças ocorridas nas cidades mexicanas, principalmente aztecas, logo da ocupação espanhola<sup>3</sup>. Matanças, dominação, diferenças comportamentais: e então o problema geral da violência na história. René Girard escreveu dois impressionantes livros sobre o assunto (*Des choses cachées depuis la fondation du monde* e *La violence et le sacré*) e outros autores têm também explorado o filão<sup>4</sup>.

Violência como correlato de dominação, como origem da denominação, como projeção de impulsos religiosos, como instrumento de motivos econômicos; portanto, tipos de violência, tipos e variáveis que são obviamente históricas. A violência como componente das fundações: a eliminação ou sujeição de povos uns por outros na origem das cidade ou dos agrupamentos, na mais alta antiguidade, os sacrifícios de sangue para propiciar o êxito das instaurações, o corte dado sobre o espaço e sobre a natureza ao implantarem-se, as formas e os muros das primeiras cidades. As culturas antigas com sua história cheia de invasões, matanças, batalhas, além de fomes e de pestes. Os heróis das epopeias antigas — não somente as gregas — como grandes matadores, o Gilgamesh inclusive. Matadores eméritos os deuses e semideuses clássicos. Conflitos, guerras, a permanente luta dos exércitos romanos contra citas e gauleses, a expansão dos povos islâmicos com a cimitarra, o contínuo tumulto nos territórios (e nas respectivas fronteiras) dos mongóis, dos turcos, dos hunos. A história da Rússia, tanto na época de Igor como na de Ivan o Terrível, atravessada de guerras e mortandades. Guerras

1. Texto do Popol Vuh, da Guatemala, em DEMETRIO SODI M., *La literatura de los mayas*, Ed. J. Mortiz, México, 1964, p. 93. Texto azteca de M. LEÓN-PORTILHA, *A Conquista da América Latina vista pelos índios*, trad. A. Zanatta, 1984, p. 44.

2. Por exemplo KIRKPATRICK SALE, *A conquista do Paraíso. Cristóvão e seu Legado*, trad. R. Jungmann, Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1992. Uma expressiva antologia se encontra no livro *La maravilla de América. Los cronistas de Indias*, org. (e introdução) por CARMEN BRAVO-VILLASANTE, Ed. Cultura Hispánica, ICI, Madrid, 1985.

3. As denúncias mais impressionantes estão nas páginas do Padre B. DE LAS CASAS: Cf. *Brevíssima relação da destruição das Índias* (Trad. J. Henriques, Ed. Antígona, Lisboa, 1990 passim). O erudito MENÉNDEZ PIDAL encarregou-se de refutar Las Casas, em artigo infeliz, pensando talvez, ingenuamente, em resguardar por civismo o nome da Espanha: "el padre Las Casas y la Leyenda Negra", em *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n.º 157, janeiro de 1963, pp. 5 ss. — Para o geral cf. os artigos coligidos em *En el quinto centenario de Bartolomé de las Casas*, Ed. Cultura Hispánica, Madrid, 1986.

4. Cf. NELSON SALDANHA, "Notas para uma teoria da violência", em *O Declínio das Nações e outros ensaios*, Ed. Massangana, Recife, 1990.

no mundo moderno, desde a luta mercantilista pelos espaços rentáveis. A Inglaterra se apossando da Índia, envenenando a China, dizimando a população da Tasmânia (uma ilha onde os nativos desapareceram em poucas décadas).

Entretanto, um fato evidente é o de que as culturas se intercomunicam. Comerciam, desde a mais remota antiguidade, trocam conhecimentos — inclusive os relativos à arte de matar —, trocam crenças, fazem alianças. É certo que no século vinte, sobretudo depois de Spengler e de Toynbee e outros, ficou-se sabendo que as culturas (civilizações, em outra linguagem) têm cada qual sua interioridade, seu conteúdo intransferível, e isto aliás é um item fundamental dentro destas reflexões. Por dentro, o sentido das coisas no “mundo” babilônico não era o mesmo que no mundo chinês, ou no greco-romano. Mas retenhamos o fato de que se comunicam: persas e gregos fazem a guerra, os cruzados aprendem coisas com os maometanos, comerciantes ingleses vão a Moscou no século XVII. Neste comunicar-se urde-se a enorme e assimétrica trama do que chamamos “história geral”, dita universal em certos livros do século passado. A *história* terá sido, justamente, pensada como um conjunto, onde às vezes se forçavam os perfis para que coubessem todos numa mesma evolução linear e europocêntrica, o oriente como pouco mais do que introdução e acompanhamento, os povos do oeste europeu como personagens principais. Na verdade o eram; isto é, eram no nos séculos XVII, XVIII, XIX, precisamente quando se elaboraram estas imagens, que vieram até hoje.

Deste modo o que se tem como *história* são “povos”, são “culturas” (outros dizem hoje “sociedades históricas”). Vico falava em *nações* com o sentido de designar os povos *maiores*. Apogeu, declínios, impérios, coligações, dependências. Sempre dependências.

Leopoldo Zéa, o notável pensador mexicano, coloca a propósito da chegada dos europeus à América uma tese muito interessante. Para ele, o surgimento de um novo continente, diante do mundo europeu, obrigou a pensar em um novo horizonte de contactos e de povos; os europeus tinham, agora, que incluir as terras americanas no mundo histórico — e daí teria nascido uma concepção autenticamente universal da história. Zéa acrescenta que cada *ecúmene*, através dos tempos, proveio de alguma grande conquista: a de Alexandre criando a helênica, a de César a romana, a dos muçulmanos a maometana. Assim a conquista da América marcaria uma *ecúmene* maior<sup>5</sup>.

Retornemos entretanto ao caso dos aztecas, dos maias e dos incas, massacrados e expoliados pelos espanhóis. Spengler escreveu

5. “El descubrimiento de América y la universalización de la historia”, em L. ZÉA (compilador), *El descubrimiento de América y su impacto en la historia*, FCE, México, 1991, pp. 5 ss. Cf. no mesmo volume, no artigo de H. CERUTI GULD-BERG, “Presagios de descubrimientos y tópicos de descubrir”, o item correspondente à p. 54 — Para outro prisma, ver JOSÉ ANTONIO MARAVALL, “El descubrimiento de América en la historia del pensamiento político”, cap. XIV de *Estudios de Historia del pensamiento español*, serie 2, Ed. Cultura Hispánica, Madrid, 1984.

que basta pensar em como os homens de Cortez destruíram a cultura azteca “como um passeante que decepa uma flor com sua bengala”, para saber-se que a história não tem nenhum sentido maior. A bibliografia é hoje vasta, e heterogênea, tanto no referente ao mundo cultural chamado “pré-colombiano”, quanto no que tange ao esmagamento daquele mundo e à história dos povos que emergiram dele — como foi o caso do México. Otávio Paz escreveu um ensaio hoje clássico sobre seu país, “O Labirinto da Solidão”. Tzvetan Todorov produziu uma das interpretações mais inteligentes (embora em certos pontos discutível) do processo de dominação dos aztecas pelos espanhóis: teriam sido as diferenças referentes ao uso da palavra, e aos modos de comunicar-se, a razão mais profunda do fácil triunfo dos segundos sobre os primeiros<sup>6</sup>.

De qualquer sorte retenhamos a idéia (mencionada mais acima) do irreduzível fundo de significações que existe em cada orbe cultural. Imaginemos o contacto entre os pontos de vista ocidentais (europeus), em pleno desenvolvimento já nos séculos XVI e XVII no sentido da *ciência*, além de valorizadores da violência (e do ouro) e também portadores de um forte proselitismo religioso, com os pontos de vista de uma outra cultura. Imaginemos o contraste com a concepção dos maias, que entendiam o tempo em um sentido simbólico, com o tempo mecanicista e ao mesmo tempo a angústia do tempo — a angústia “fáustica” — dos europeus. Alguns missionários se deram ao trabalho de colocar no papel a distribuição dos meses dos aztecas, aliás notavelmente delimitados em um ano equivalente ao ocidental. Só que os aztecas davam aos anos um sentido cíclico, e ao calendário uma significação ritualística<sup>7</sup>.

A mentalidade européia, transportada para as Américas, dede logo apareceu como busca frenética do ouro, pelo qual os sequazes de Cortez mataram milhares e milhares de ameríndios. Era impossível aos aztecas, ou aos caribenhos, entender o porquê daquilo tudo. Na esteira destas matanças vieram as chamadas *Leyes de Indias*, legislação especificamente destinada aos territórios dominados: elas traziam a preocupação com a ordenação jurídica das relações com os povos submetidos, e traziam a projeção unilateral do direito imposto<sup>8</sup>. Enquanto isso os religiosos espanhóis — sobretudo eles — discutiam gravemente os aspectos teológicos da conquista: o padre Las Casas defendendo os índios, o Padre Sepúlveda defendendo sua escravização. Discutia-se se os naturais do novo mundo eram gente e se tinham alma; mas os que optavam pela afirmativa não optavam pelo direito dos povos nativos à liberdade, e sim pela viabilidade de

6. T. TODOROV, *La conquista de América. La cuestión del otro*. Trad. esp. Ed. Siglo XXI, México, 1987, passim. - Para um tema subsequente, v. o valioso livro de SECE GRUZINSKI, *La colonización de lo imaginario. sociedades indígenas y occidentalización en el México español, siglos XVI-XVIII*, trad. J. Ferrero, Ed. FCE, México, 1991. Completamente, LESLEY B. SIMPSON, *Muchos Méxicos*, Ed. FCE, México, 1986.

7. As diversas tábuas e representações, com diversas indicações referentes aos sacrifícios, estão reproduzidas no livro do cronista LORENZO BOTURINI BENADUCCI, que conheceu o México no século XVIII, *Historia General de América Setentrional*, ed. a cargo de M. Balesteros Gaibrois, U.N.A.M., México, 1990. Sobre as ciências à época de Colombo - sobretudo astronomia e cartografia -, ver JUAN ORTEGA Y MEDINA, *El descubrimiento de América* (cit.), pp. 19 ss. Ver ainda W. G. RANDLE, *Da terra plana ao globo terrestre*, trad. port. Ed. Gradiva, Lisboa, 1990.

8. Ver VICTOR TAU ANZOTEGUI, *Casuismo y Sistema. Indagación histórica sobre el espíritu del Derecho Indiano* - Ed. do IHHD, Buenos Aires, 1992; idem, *La ley en América Hispana. Del Descubrimiento a la Emancipación*, Ed. Acad. Nac. de Historia, Buenos Aires, 1992. Vale também indicar os estudos contidos em *Instituciones Familiares Indígenas*, Ed. do Cons. Nacional de Pesquisa, s.d. (1989?).

sua “cristianização”. Se eram gente, podiam ser *convertidos*. Assim se “cristianizaram” à força os remanescentes dos aztecas e dos demais povos massacrados, negando-se-lhes ao cabo de tudo seus próprios deuses, impondo-se-lhes sem nenhum sentido uma religião que nada tinha a ver com eles.

Adotando-se, com o termo culturas (com Toynbee se diria civilizações), a imagem de uma história plural, temos um elenco de imagens do mundo e do homem: na Babilônia Marduk criou o mundo para ser dominado pelos babilônios, no Egito os deuses variavam mas sempre mantinham o faraó como seu representante, na Grécia a figura física do homem era o cânone para as regras da estética. Relativismo, diversidade, complementariedade de experiências e de significações, eis o que nos ocorre. Cada povo na antiguidade se teve como centro do mundo: assim os japoneses com a antiga religião *Shinto*, assim os gregos e romanos chamando bárbaros os que não falassem grego (ou latim)<sup>9</sup>.

A visão de um orbe cultural por outro geralmente foi negativa no sentido dos valores. Os países europeus comerciavam com os do oriente, já no século XVII, mas considerando-os inferiores. Em alguns casos, a recíproca acontecia. Pode ocorrer, todavia, que em determinados contextos se forme a visão de um paraíso terrestre situado em outro local, como quando da descoberta das terras (o Brasil inclusive), com mapas europeus aludindo ao ouro e às maravilhas do Peru e do México. A própria nudez dos índios do Brasil fez com que alguns dissessem que eles estavam ainda no estágio paradisíaco. Por sinal Sérgio Buarque estudou exaustivamente as imagens “paradisíacas” relacionadas com o Brasil — como com as Américas em geral — pelos homens dos séculos XVI e XVII. Toda uma temática gira em torno disso, incluindo o assunto *utopia*, a utopia pensada em relação às Américas<sup>10</sup>.

Mas, com respeito ao problema das imagens, que compõem o amplo mosaico da história, integrada de comunidades as mais diversas, com diversas línguas e usos e valores e estruturas, ocorre-nos mencionar a idéia de *exemplaridade*. Utilizamos o conceito em dois ensaios, em 1975 e em 1977, fora outras passagens, para aludir à permanência de imagens ou de idéias, que são repetidas ou mantidas em ocasiões sucessivas e deste modo se tornam pontos de referência, tornam-se modelos: de certo modo tornam-se clássicas. Assim ocorreu com os “clássicos” gregos e latinos, com os cânones da arte antiga, com figuras especiais como Alexandre ou Cícero. Para o “Ocidente”, que herdou formas e temas do mundo greco-romano, os clássicos ficaram sendo a *Ilíada* e a *Eneida*, e não Bagavad-Gita ou a Ramaiana.

que basta pensar em como os homens de Cortez destruíram a cultura azteca “como um passeante que decepa uma flor com sua bengala”, para saber-se que a história não tem nenhum sentido maior. A bibliografia é hoje vasta, e heterogênea, tanto no referente ao mundo cultural chamado “pré-colombiano”, quanto no que tange ao esmagamento daquele mundo e à história dos povos que emergiram dele — como foi o caso do México. Otávio Paz escreveu um ensaio hoje clássico sobre seu país, “O Labirinto da Solidão”. Tzvetan Todorov produziu uma das interpretações mais inteligentes (embora em certos pontos discutível) do processo de dominação dos aztecas pelos espanhóis: teriam sido as diferenças referentes ao uso da palavra, e aos modos de comunicar-se, a razão mais profunda do fácil triunfo dos segundos sobre os primeiros<sup>6</sup>.

De qualquer sorte retenhamos a idéia (mencionada mais acima) do irredutível fundo de significações que existe em cada orbe cultural. Imaginemos o contacto entre os pontos de vista ocidentais (europeus), em pleno desenvolvimento já nos séculos XVI e XVII no sentido da *ciência*, além de valorizadores da violência (e do ouro) e também portadores de um forte proselitismo religioso, com os pontos de vista de uma outra cultura. Imaginemos o contraste com a concepção dos maias, que entendiam o tempo em um sentido simbólico, com o tempo mecanicista e ao mesmo tempo a angústia do tempo — a angústia “fáustica” — dos europeus. Alguns missionários se deram ao trabalho de colocar no papel a distribuição dos meses dos aztecas, aliás notavelmente delimitados em um ano equivalente ao ocidental. Só que os aztecas davam aos anos um sentido cíclico, e ao calendário uma significação ritualística<sup>7</sup>.

A mentalidade europeia, transportada para as Américas, dede logo apareceu como busca frenética do ouro, pelo qual os sequazes de Cortez mataram milhares e milhares de ameríndios. Era impossível aos aztecas, ou aos caribenhos, entender o porquê daquilo tudo. Na esteira destas matanças vieram as chamadas *Leyes de Indias*, legislação especificamente destinada aos territórios dominados: elas traziam a preocupação com a ordenação jurídica das relações com os povos submetidos, e traziam a projeção unilateral do direito imposto<sup>8</sup>. Enquanto isso os religiosos espanhóis — sobretudo eles — discutiam gravemente os aspectos teológicos da conquista: o padre Las Casas defendendo os índios, o Padre Sepúlveda defendendo sua escravização. Discutia-se se os naturais do novo mundo eram gente e se tinham alma; mas os que optavam pela afirmativa não optavam pelo direito dos povos nativos à liberdade, e sim pela viabilidade de

6. T. TODOROV, *La conquista de América. La cuestión del otro*. Trad. esp. Ed. Siglo XXI, México, 1987, passim. - Para um tema subsequente, v. o valioso livro de SEGE GROZINSKI, *La colonización de lo imaginario. sociedades indígenas y occidentalización en el México español, siglos XVI-XVIII*, trad. J. Ferrero, Ed. FCE, México, 1991. Completamente, LESLEY B. SIMPSON, *Muchos Méxicos*, Ed. FCE, México, 1986.

7. As diversas tábuas e representações, com diversas indicações referentes aos sacrifícios, estão reproduzidas no livro do cronista LORENZO BOTURINI BENADUCCI, que conheceu o México no século XVIII, *Historia General de América Setentrional*, ed. a cargo de M. Balesteros Gaibrois, U.N.A.M., México, 1990. Sobre as ciências à época de Colombo - sobretudo astronomia e cartografia -, ver JUAN ORTEGA Y MEDINA, *El descubrimiento de América* (cit.), pp. 19 ss. Ver ainda W. G. RANGLES, *Da terra plana ao globo terrestre*, trad. port. Ed. Gradiva, Lisboa, 1990.

8. Ver VICTOR TAU ANZOATEGUI, *Casuismo y Sistema. Indagación histórica sobre el espíritu del Derecho Indiano* - Ed. do IHHD, Buenos Aires, 1992; idem, *La ley en América Hispana. Del Descubrimiento a la Emancipación*, Ed. Acad. Nac. de Historia, Buenos Aires, 1992. Vale também indicar os estudos contidos em *Instituzioni Familiari Indigene*, Ed. do Cons. Nacional de Pesquisa, s.d. (1989?).

sua "cristianização". Se eram gente, podiam ser *convertidos*. Assim se "cristianizaram" à força os remanescentes dos aztecas e dos demais povos massacrados, negando-se-lhes ao cabo de tudo seus próprios deuses, impondo-se-lhes sem nenhum sentido uma religião que nada tinha a ver com eles.

Adotando-se, com o termo culturas (com Toynbee se diria civilizações), a imagem de uma história plural, temos um elenco de imagens do mundo e do homem: na Babilônia Marduk criou o mundo para ser dominado pelos babilônios, no Egito os deuses variavam mas sempre mantinham o faraó como seu representante, na Grécia a figura física do homem era o cânone para as regras da estética. Relativismo, diversidade, complementariedade de experiências e de significações, eis o que nos ocorre. Cada povo na antiguidade se teve como centro do mundo: assim os japoneses com a antiga religião *Shinto*, assim os gregos e romanos chamando bárbaros os que não falassem grego (ou latim)<sup>9</sup>.

A visão de um orbe cultural por outro geralmente foi negativa no sentido dos valores. Os países europeus comerciavam com os do oriente, já no século XVII, mas considerando-os inferiores. Em alguns casos, a recíproca acontecia. Pode ocorrer, todavia, que em determinados contextos se forme a visão de um paraíso terrestre situado em outro local, como quando da descoberta das terras (o Brasil inclusive), com mapas europeus aludindo ao ouro e às maravilhas do Peru e do México. A própria nudez dos índios do Brasil fez com que alguns dissessem que eles estavam ainda no estágio paradisíaco. Por sinal Sérgio Buarque estudou exaustivamente as imagens "paradisíacas" relacionadas com o Brasil — como com as Américas em geral — pelos homens dos séculos XVI e XVII. Toda uma temática gira em torno disso, incluindo o assunto *utopia*, a utopia pensada em relação às Américas<sup>10</sup>.

Mas, com respeito ao problema das imagens, que compõem o amplo mosaico da história, integrada de comunidades as mais diversas, com diversas línguas e usos e valores e estruturas, ocorre-nos mencionar a idéia de *exemplaridade*. Utilizamos o conceito em dois ensaios, em 1975 e em 1977, fora outras passagens, para aludir à permanência de imagens ou de idéias, que são repetidas ou mantidas em ocasiões sucessivas e deste modo se tornam pontos de referência, tornam-se modelos: de certo modo tornam-se clássicas. Assim ocorreu com os "clássicos" gregos e latinos, com os cânones da arte antiga, com figuras especiais como Alexandre ou Cícero. Para o "Ocidente", que herdou formas e temas do mundo greco-romano, os clássicos ficaram sendo a *Ilíada* e a *Eneida*, e não Bagavad-Gita ou a Ramaiana.

ARNOLD TOYNBEE menciona a "ilusão etnocêntrica" para aludir ao fenômeno: *A Study of History* (abrev. por D. C. Somervell) Oxford Univ Press, 1949, vol. I, p. 27. Aqui colocaremos uma observação pessoal. Não vemos em uma evolução linear e total, mas é inegável que ocorrem evoluções. Quanto ao problema da *qualidade* entre culturas — visto pelos igualitaristas contemporâneos ele é aceitável em termos de "dignidade" (como entre os homens em sentido genérico): o humano se acha presente, e portanto sua "essência", tanto entre os gregos no tempo de Sócrates quanto entre os abissínios ou os apóies. Mas isto não impede de considerar que a cultura atingiu estágios superiores; ou de entender o gótico como algo superior às cabanas primitivas.

10. Desde logo SÉRGIO BUARQUE DE HOIANDA, *Visão do Paraíso. Os motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1959. Para um outro país latino-americano, v. *La Utopía en el Ecuador*, antologia org. por A. Andrés Ruge, Ed. Banco Central, Quito, 1987. V. também o estudo de A. CATURELLI, "El nuevo mundo y la República platónica en el pensamiento de José Paramas", em *Filosofía Cristiana* (Córdoba, Arg.), Ano I, n° 2, 1977.

A sucessão de referências mantém através do tempo significações e valores, e isto pode ocorrer dentro de uma determinada cultura ou envolver culturas diferentes. O termo "cruzada" ficou significando, dentro das línguas europeias, toda campanha empreendida em nome de um ideal e implicando esforços especiais. Uma "odisséia" pode ser uma aventura complicada, ou uma viagem acidentada.

A permanência de referências e valores corresponde ao que se chama "universalização", e muitos conceitos que aparecem como intrinsecamente universais são produto de processos históricos em que se consolidam ou se difundem determinadas imagens. Assim ocorre com a idéia de *homem* e com a de *humanidade*: é certo que em cada grande sociedade histórica se inclui uma imagem do humano e do homem, mas em sua plenitude a noção genérica de homem se construiu com a superposição histórica das referências — as da Bíblia, as dos clássicos, as dos humanistas. A idéia de *humanitas*, expressada pelos romanos sob influência dos estoicos, consolidou-se com as sucessivas incorporações por parte da historiografia<sup>11</sup>.

Entretanto, os etnocentrismos prosseguem. Na verdade a formação da ciência histórica moderna foi paralela ao europocentrismo dominante na cultura dita ocidental. E este europocentrismo (ou eurocentrismo) se formou de preconceitos, herdeiros daqueles dos "clássicos" contra os *bárbaros*. Escreveu Octavio Paz que a antropologia é uma espécie de fruto do remorso dos povos europeus a respeito dos "primitivos". No mesmo sentido — mas sem o remorso — a historiografia moderna de certo modo cresceu como um saber europeu a respeito de como os povos europeus e os "outros" povos vieram convergindo para as grandes e definitivas conquistas dos tempos "contemporâneos"<sup>12</sup>.

O saber histórico europocêntrico serve de base à própria imagem dos "encontros" entre o Ocidente moderno e outras civilizações, tema aliás tratado por Toynbee em alguma das partes de seu *Study of History*<sup>13</sup>. Esta imagem continua (embora indiretamente e com instrumentação conceitual mais sofisticada) o eurocentrismo das cosmologias renascentistas, justamente aquelas em cuja vigência se incluíram nos mapas os contornos do chamado "Novo Mundo". O *Atlas de Mercatos*, de 1569, foi um típico mapa-mundi centrado sobre a Europa<sup>14</sup>.

Em relação com estes etnocentrismos (o dos chineses e dos caldeus sem maiores continuidades, o dos gregos e romanos — e judeus — herdado pelos medievais e retomado pelo ocidente moderno), em relação com eles temos de mencionar os *preconcei-*

11. Ver MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA, *Estudos de História da Cultura Clássica* (vol. II - Cultura Romana (Ed. Gulbenkian, Lisboa, 1984) Parte II, p. 415 ss.

12. Durante algum tempo os teóricos da cultura (inclusive Spengler e Schubart) discutiram sobre a condição da Rússia (e do mundo eslavo), posta entre Europa e Ásia, com uma Idade Média cheia de contactos com Bizâncio, com turcos e mongóis, e depois com contactos com a Polônia e parte da Alemanha; com nacionalismos que vêm do século X, com feudalismos que foram até o XIX, com uma "alma" específica, mas enfim encrustada no mundo político-econômico ocidental.

13. A. TOYNBEE, *A Study of History*, abrev. (cit.), volume II, pp. 151 ss. Um livro um tanto prolixo abordando um dos aspectos do tema é o de F. S. NORTHROP *El Encuentro de Oriente y Occidente*, trad. M. Pumariega, EDIAPSA, México 1948.

14. Cf. UGO TUCCI, "Atlas" na *Enciclopédia Einaudi* volume I, Imp. Nacional, Casa da Moeda, Lisboa 1984, p. 131. Cf. também G. R. CRONE, *Historia de los mapas*, trad. esp. Ed. FCE México, 1956, cap. VIII.

tos. Nada de muito estranho com eles: sempre decorreram do etnocentrismo e da necessidade de cada povo se concentrar e se consolidar em sua autoconsciência. Preconceitos contra povos idólatras entre os judeus, contra pagãos no cristianismo (quanto preconceito no cristianismo), contra bárbaros entre romanos e gregos. Contra os etruscos, ao que parece, por parte dos romanos. Preconceito contra o Islam entre os cristãos, e vice-versa. Religiões "universais", proselitismos maniqueístas, depois disputas econômicas e militares em nome do verbo sagrado.

Preconceito contra o trópico, sempre: por parte dos "conquistadores" e dos navegadores aprofundados em terras africanas ou americanas. Preconceito contra o trópico em Pierre Loti (*Matelot*) e de certo modo em Lévi-Strauss. Precisamente um preconceito combatido por Gilberto Freyre ao contrapor-se à sociologia de certos autores inclusive brasileiros, de seu tempo e da geração anterior à sua. A superação do preconceito supõe um relativismo que dificilmente poderia provir dos próprios povos ditos superiores: supõe uma diferença de perspectiva.

O preconceito étnico não se limitou, em certos momentos — nem se limita mesmo — a uma visão "inferiorizante" do grupo racial contraposto. Ele não se reduz a um repúdio. Em geral ele se transforma em militância e em violência, como ocorreu com as grandes nações européias ao submeterem países asiáticos e africanos. Assim ocorreu com as matanças praticadas contra os nativos nas Américas, incluindo os aztecas e incas, dizimados pelos espanhóis, e os peles-vermelhas, implacavelmente assassinados pelos ocupantes norte-americanos<sup>15</sup>. No Brasil, também, os índios vêm sendo sistemática e planejadamente destruídos<sup>16</sup>.

E contudo a América Latina vem se integrando ou acha-se integrada — até certo ponto — no chamado Ocidente. Esta tem sido uma questão sempre retomada, em nível filosófico, por vários grandes pensadores latino-americanos, mormente mexicanos e argentinos. Aliás o Brasil, na realidade, nunca se identificou suficientemente com a América Latina, desde a recusa de Pedro I a juntar-se aos outros líderes iberoamericanos ao tempo de Bolívar, que *sentiu* a necessidade de união dos latino-americanos diante do que se chamaria, na geração de Euclides da Cunha, o "colosso do Norte".

Na verdade os Estados Unidos, que são hoje (e sempre o foram) uma parte do chamado Ocidente, não tiveram "Idade Média": a Idade Média foi a etapa formativa do próprio Ocidente, ocorrida na Europa e como Europa, com o feudalismo implantado nos fins do Império Romano. Os Estados Unidos entraram no âmbi-

15. É impressionante a destruição dos peles-vermelhas, com a qual se eliminou da face da terra um grupo de povos que haviam chegado, não a uma civilização material "avançada", mas a um grau avançado de consciência social, com códigos de ética, com línguas definidas e com caracteres culturais bastante positivos. Alguma coisa do processo se acha narrada no livro *Enterrem meu coração na curva do rio*, de Dee Brown, trad. G. Ferraz, Ed. Melhoramentos, 7ª ed., 1979.

16. EDILSON MARTINS, *Nossos índios, nosso mortos*, Ed. Codecri, Rio de Janeiro, 1978, *passim*.

A sucessão de referências mantém através do tempo significações e valores, e isto pode ocorrer dentro de uma determinada cultura ou envolver culturas diferentes. O termo "cruzada" ficou significando, dentro das línguas européias, toda campanha empreendida em nome de um ideal e implicando esforços especiais. Uma "odisséia" pode ser uma aventura complicada, ou uma viagem acidentada.

A permanência de referências e valores corresponde ao que se chama "universalização", e muitos conceitos que aparecem como intrinsecamente universais são produto de processos históricos em que se consolidam ou se difundem determinadas imagens. Assim ocorre com a idéia de *homem* e com a de *humanidade*: é certo que em cada grande sociedade histórica se inclui uma imagem do humano e do homem, mas em sua plenitude a noção genérica de homem se construiu com a superposição histórica das referências — as da Bíblia, as dos clássicos, as dos humanistas. A idéia de *humanitas*, expressada pelos romanos sob influência dos estoicos, consolidou-se com as sucessivas incorporações por parte da historiografia<sup>11</sup>.

Entretanto, os etnocentrismos prosseguem. Na verdade a formação da ciência histórica moderna foi paralela ao europocentrismo dominante na cultura dita ocidental. E este europocentrismo (ou eurocentrismo) se formou de preconceitos, herdeiros daqueles dos "clássicos" contra os *bárbaros*. Escreveu Octavio Paz que a antropologia é uma espécie de fruto do remorso dos povos europeus a respeito dos "primitivos". No mesmo sentido — mas sem o remorso — a historiografia moderna de certo modo cresceu como um saber europeu a respeito de como os povos europeus e os "outros" povos vieram convergindo para as grandes e definitivas conquistas dos tempos "contemporâneos"<sup>12</sup>.

O saber histórico europocêntrico serve de base à própria imagem dos "encontros" entre o Ocidente moderno e outras civilizações, tema aliás tratado por Toynbee em alguma das partes de seu *Study of History*<sup>13</sup>. Esta imagem continua (embora indiretamente e com instrumentação conceitual mais sofisticada) o eurocentrismo das cosmologias renascentistas, justamente aquelas em cuja vigência se incluíram nos mapas os contornos do chamado "Novo Mundo". O *Atlas de Mercatos*, de 1569, foi um típico mapa-mundi centrado sobre a Europa<sup>14</sup>.

Em relação com estes etnocentrismos (o dos chineses e dos caldeus sem maiores continuidades, o dos gregos e romanos — e judeus — herdado pelos medievais e retomado pelo ocidente moderno), em relação com eles temos de mencionar os *preconcei-*

11. Ver MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA, *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol. II - *Cultura Romana* (Ed. Gulbenkian, Lisboa, 1984). Parte II, p. 415 ss.

12. Durante algum tempo os teóricos da cultura (inclusive Spengler e Schubert) discutiram sobre a condição da Rússia (e do mundo eslavo), posta entre Europa e Ásia, com uma Idade Média cheia de contactos com Bizâncio, com turcos e mongóis, e depois com contactos com a Polónia e parte da Alemanha; com nacionalismos que vêm do século X, com feudalismos que foram até o XIX, com uma "alma" específica, mas enfim encrustada no mundo político-económico ocidental.

13. A. TOYNBEE, *A Study of History*, abrev. (cit.), volume II, pp. 151 ss. Um livro um tanto prolixo abordando um dos aspectos do tema é o de F. S. NORTHROP, *El Encuentro de Oriente y Occidente*, trad. M. Pumariega, EDIAPSA, México, 1948.

14. Cf. UGO TUCCI, "Atlas", na *Encicliopédia Einaudi*, volume I, Imp. Nacional/Casa da Moeda, Lisboa, 1984, p. 131. Cf. também G. R. CRONE, *Historia de los mapas*, trad. esp. Ed. FCE, México, 1956, cap. VIII.

tos. Nada de muito estranho com eles: sempre decorreram do etnocentrismo e da necessidade de cada povo se concentrar e se consolidar em sua autoconsciência. Preconceitos contra povos idólatras entre os judeus, contra pagãos no cristianismo (quanto preconceito no cristianismo), contra bárbaros entre romanos e gregos. Contra os etruscos, ao que parece, por parte dos romanos. Preconceito contra o Islam entre os cristãos, e vice-versa. Religiões “universais”, proselitismos maniqueístas, depois disputas econômicas e militares em nome do verbo sagrado.

Preconceito contra o trópico, sempre: por parte dos “conquistadores” e dos navegadores aprofundados em terras africanas ou americanas. Preconceito contra o trópico em Pierre Loti (*Matelot*) e de certo modo em Lévi-Strauss. Precisamente um preconceito combatido por Gilberto Freyre ao contrapor-se à sociologia de certos autores inclusive brasileiros, de seu tempo e da geração anterior à sua. A superação do preconceito supõe um relativismo que dificilmente poderia provir dos próprios povos ditos superiores: supõe uma diferença de perspectiva.

O preconceito étnico não se limitou, em certos momentos — nem se limita mesmo — a uma visão “inferiorizante” do grupo racial contraposto. Ele não se reduz a um repúdio. Em geral ele se transforma em militância e em violência, como ocorreu com as grandes nações europeias ao submeterem países asiáticos e africanos. Assim ocorreu com as matanças praticadas contra os nativos nas Américas, incluindo os aztecas e incas, dizimados pelos espanhóis, e os peles-vermelhas, implacavelmente assassinados pelos ocupantes norte-americanos<sup>15</sup>. No Brasil, também, os índios vêm sendo sistemática e planejadamente destruídos<sup>16</sup>.

E contudo a América Latina vem se integrando ou acha-se integrada — até certo ponto — no chamado Ocidente. Esta tem sido uma questão sempre retomada, em nível filosófico, por vários grandes pensadores latino-americanos, mormente mexicanos e argentinos. Aliás o Brasil, na realidade, nunca se identificou suficientemente com a América Latina, desde a recusa de Pedro I a juntar-se aos outros líderes iberoamericanos ao tempo de Bolívar, que *sentiu* a necessidade de união dos latino-americanos diante do que se chamaria, na geração de Euclides da Cunha, o “colosso do Norte”.

Na verdade os Estados Unidos, que são hoje (e sempre o foram) uma parte do chamado Ocidente, não tiveram “Idade Média”: a Idade Média foi a etapa formativa do próprio Ocidente, ocorrida na Europa e como Europa, com o feudalismo implantado nos fins do Império Romano. Os Estados Unidos entraram no âmbi-

15. É impressionante a destruição dos peles-vermelhas, com a qual se eliminou da face da terra um grupo de povos que haviam chegado, não a uma civilização material “avançada”, mas a um grau avançado de consciência social, com códigos de ética, com línguas definidas e com caracteres culturais bastante positivos. Alguma coisa do processo se acha narrada no livro *Enterrem meu coração na curva do rio*, de DEE BROWN, trad. G. Ferraz, Ed. Melhoramentos, 7ª ed., 1979.

16. EDILSON MARTINS, *Nossos índios, nosso mortos*, Ed. Codecri, Rio de Janeiro, 1978, passim.

to do ocidente com base em sua população predominantemente branca e em seus progressos tecnológicos (de fato eram ingleses vivendo em outro continente e redimensionados no comportamento, iguais no arrojo imperialista). Mas o fato de não terem tido Idade Média fê-los carecer sempre de algo que integra o "Ocidente" e que radica no *espírito* europeu.

Enquanto isso a América Latina, que também (e obviamente) não teve Idade Média, teve em certas regiões um passado cultural ponderável, com cuja presença residual tem o que ver o fato de ela ser e não ser Ocidente. Dialética, ambigüidade, desdobramento. E contudo há, latente e dramática, uma vocação de universalidade dentro da América latina: convergência de correntes históricas, variedade e unidade, ocidente e terceiro mundo. Leopoldo Zea acentuou em ensaio notável o contraste entre a atitude dos Estados Unidos, tomando territórios ao México e à Espanha, e a da América Latina, com sua latinidade herdada de Roma, herdada como um autêntico componente de universalidade<sup>17</sup>.

E eis o mundo perto do final do século vinte, dentro aliás de um calendário imposto ao restante dos povos primeiro pelo poder de Júlio Cesar, depois pelo poder da Igreja cristã, que o vinculou às suas próprias datas e aos seus santos<sup>18</sup>.

Eis o mundo terminando o acidentado século vinte. Durante este século desmentiram-se os pacifismos no dezenove, na qual muitos pensadores consideravam as guerras coisa do passado. Desmentiu-se ao menos em parte o evolucionismo. O cientificismo reformulou-se. As populações cresceram imensamente, a tecnologia e a massificação também. Os imperialismos prosseguiram, e durante muito tempo se falava no capitalista e no soviético — falava-se, até pouco tempo. Os universalismos tiveram de enfrentar os localismos. A padronização, proveniente dos meios de comunicação, coexiste com a desigual partilha do poder entre os povos. O poderio ianque, uma vez desmontada a URSS e desmantelada a economia dos povos que a integravam (a da Rússia sobretudo), tornou-se praticamente absoluto, e com isto o precário equilíbrio anterior foi eliminado, com desvantagem óbvias para o resto do mundo.

Se olharmos o panorama pelo prisma político-econômico-militar, a unificação das decisões aparece ostensiva, paralelamente à padronização técnica que atravessa as fronteiras. Se o olharmos pelo prisma cultural encontraremos os pluralismos que dão sentido à idéia de *convivência* inter-étnica. Estes pluralismos, porém, são frágeis, e em certos casos meramente simbólicos.

17. L. ZEA, "El descubrimiento de América", citado (loc. cit.), pp. 9 ss., 13 ss. ("Fué la asunción del pluralismo racial y cultural lo que puso fin a las interrogantes y disyuntivas", p. 16, aludindo às questões sobre se a América Latina é isto ou é aquilo). Valerá, contudo, lembrar a observação de BORGES sobre a relatividade do conceito unitário de uma "América Latina" (em LEO GILSON RIBEIRO, *O Continente Submerso. Perfis e depoimentos de grandes escritores de "nuestra" América*. São Paulo, 1988, p. 116).

18. Cf. JACQUES LE GOFF, "Calendário", em *Enciclopedia Einaudi*, vol. cit., pp. 260 ss.

Com isto retornamos à idéia do humano, e voltamos, por conta da alusão ao pluralismo, ao problema das diversidades. Anotemos inclusive isto: no começo do século vinte a herança historiográfica e etnográfica do oitocentos propiciou a teoria da cultura e das culturas, ao mesmo tempo em que o Ocidente vivia a *belle époque* e em que, em contrapartida, preparava-se a seqüência de guerras e de conflitos menores iniciados em 1914. As ditaduras do século esmagaram etnias e agrediram tradições locais, em nome do *Lebensraum* nazista ou da unificação soviética<sup>19</sup>.

19. Há poucas semanas apareciam na TV, com alguns depoimentos, cenas da vida atual de remanescentes de regiões russas vítimas da incorporação forçada durante o Stalinismo. Viam-se roupas tradicionais e objetos antigos, isto é, regionais. Cabe colocar o problema do direito das comunidades deste tipo — como as do Curdistão e de tantos outros lugares — de, hoje, em meio à tecnologia avassaladora, posta a serviço do capitalismo e da “modernização” (ou talvez sem ter de renunciar a ela), conservar suas formas peculiares de vida, seus trajes, seus tapetes, suas danças — tão velhas quanto as de Creta —, sua língua e suas línguas, suas crenças e sua culinária.

Mas eis o mundo, íamos dizendo, diante dos umbrais de um novo século que é um novo milênio. Enquanto em outros fins de milênio se consultavam os oráculos para prever o andamento dos tempos ou se fazia uma teologia da história como a fez Joaquim de Fiore — falando da Idade do Pai, da do Filho e da do Espírito Santo —, neste fim de milênio se fala de *fim da história*. Fala-se do encerramento da dialética histórica, fala-se na terminação das disputas ideológicas, ou se fala *tout court* no esvaziamento do “Espírito” que alimenta a história. O próprio tema nos parece mal colocado: a história não é uma encenação com começo e fim, por mais que seja possível atribuir-lhe pulsação dramática bem como “estágios” devidamente demarcados. O homem é um ser histórico, como é histórica a sua consciência, consciência de si. O humano se constrói na história como autoimagem do homem, imagem desdobrada na noção de *humanidade* - sem embargo da “essencialidade” da consciência humana. O homem *faber e loquens*, é um ser que produz significados, e daí produz símbolos, aos quais se prende. O homem é um ser que busca entender: um ser hermenêutico. Daí seu debruçar-se sobre o passado, sobre trajetórias e mitos, para inventar problemas e amontoar respostas.

Endereço do autor:  
Estrada do Arraial, 2312/01  
52051-380 — Recife — PE